

Chegando em casa dos tios, demos por falta dela.

E agora? O vestido do casamento estava justamente naquela mala. Não adiantava voltar à estação e reclamar, o trem já estaria longe.

— A gente vai encontrá-la na volta — disse vovó com seu eterno otimismo.

Disse também que “o que não tem remédio, remediado está”. E encerrou o assunto.

Foi se aprontar para o casamento. Passou com capricho o costume da viagem, tirou da maleta de mão um lindo laço de rendas que prendeu na gola com um broche de pérolas, escovou muito bem o cabelo. Com as faces coradas de emoção e alegria de rever os parentes, lá se foi, simples e linda.

Minha mãe tinha recomendado: “Não deixe sua avó sozinha muito tempo”.

O que ela queria dizer de verdade era: “Não fique longe de sua avó e não me faça nenhuma reinação”.

Mamãe sabia muito bem que era impossível deixar vovó sozinha. Onde ela chegava, ficava logo rodeada de gente.

Dessa vez foi demais! Eu nem podia chegar perto para largar no colo dela minha bolsa, fivelas ou balas para ela guardar.

Os parentes faziam uma roda em volta de vovó. Era um sair, chegava outro. Diziam: “Tia Mariquinha, este aqui é meu filho mais novo”. “Tia Mariquinha, quero apresentar meu marido.” Foi assim o tempo todo: Tia Mariquinha pra cá e pra lá.

A certa altura, vi um senhor, que eu não conhecia, perguntando ao pai do noivo:

— Quem é aquela senhora sempre rodeada de gente? É mãe de algum político? É muito rica ou importante?

— Rica ela não é, nem ligada à política, mas é muito importante sim. Dona Mariquinha é importantíssima.

Eu me senti muito feliz. Pelo comentário e porque tinha reparado que o vestido da daminha de honra era muito parecido